O clima na Escola-Classe do Varjão do Torto é de hostilidade para com a interventora

Varjão exige diretora de volta

"A vitória de um candidato será plena se for a vitória de toda a comunidade. Respeitar este valor é uma atitude política maior e uma exigência da educação". Desde novembro de 1985 aquele pedaço de cartolina cor-de-rosa está pregada na parede da sala dos professores. A candidata vitoriosa havia conseguido levar para toda a comunidade o significado daquelas palavras, ditas pelo professor Fábio Bruno, logo após as eleições em todas as escolas da rede oficial.

Talvez por isso os moradores do Varjão do Torto tenham tanta dificuldade em aceitar a exoneração da diretora Adelina Tereza de Oliveira, que participou da greve dos professores. A Associação de Moradores do Varjão, presidida por Rafael Gregório da Silva, conseguiu unir toda a população em torno da manutenção de Adelina na diretoria da única escola da invasão. "A exoneração foi uma estupidez", disse Denalva Alves Gonçalves Damaceno, mãe dos alunos Sonia, 9, e Sérgio, 8 anos.

REVOLTA

— Não vamos deixar nossos filhos ir à escola se a Adelina não voltar — disse Denalva apontando para o cartaz com as frases do professor Fábio Bruno. "Nós votamos, nossos filhos votaram, os professores também. Cadê nossos direitos? Não vamos desistir", acentuou. A filha de Rafael Gregório, Márcia, 14 anos, disse que a Adelina é mais que uma diretora. "Ela é a nossa segunda mãe. Foi ela quem lutou para que este colégio tivesse desenvolvimento melhor para as crianças. Construiu estas salas, criou a 5ª e 6ª séries e muito mais".

As aulas estão sendo dadas normalmente, mas a comunidade está apreensiva, à espera de uma solução para o problema. A interventora Débora desde quarta-feira não aparece na escola, temendo reação dos alunos que não a aceitam. De acordo com a professora Ana Odete da Silva Mendes, que está auxiliando na coordenação da escola, e dos apoios Míriam Campos e Marli, é uma incoerência muito grande da Secretaria de Educação tirar um diretor que adere à greve e substituí-lo por outro grevista. Elas informaram que algumas professoras da própria escola — que abertamente participaram do movimento — haviam sido convidadas para substituir Adelina.

A escola classe do Varjão do Torto tem 530 alunos do pré à 6ª série. Os 26 professores deparam com todos os problemas comuns à população carente. E é exatamente por conhecer todas as famílias da invasão, pessoa por pessoa, resolver os problemas de saúde e alimentação mais emergencial, que Adelina conquistou a comunidade.

Manoel Marques da Silva, 16 anos, da 5ª série, só enxerga com o olho direito. O seu carinho por Adelina é um exemplo de como os moradores reconhecem os esforços da diretora que, não raro, se torna a mãe de todos eles. "Quando falta água na invasão e a Caesb não pode trazer, ela vai ao Exército e consegue os caminhões-pipa que a gente precisa", diz Manoel, exibindo os óculos que ganhara da diretora.

"O nosso colégio novo está sendo construído graças a ela. Se a gente tem médico e dentista aqui é porque ela traz. O Governo não pode e não vai tirar ela daqui. Nós não vamos deixar". Para Manoel, isto é tão certo quanto a sua vontade de estudar muito e se tornar "importante".